



P E N G U I N



C L Á S S I C O S

GEORGE ORWELL

MIL NOVECENTOS
E OITENTA E QUATRO



GEORGE ORWELL nasceu em 1903 na Índia, com o nome de Eric Arthur Blair, tendo-se mudado com a família para Inglaterra no ano seguinte. Entre 1922 e 1927, foi oficial da Polícia Imperial Indiana na Birmânia, experiência que terá sido a inspiração para o seu primeiro romance, *Dias Birmaneses*, publicado em 1934. Antes de regressar a Inglaterra, viveu ainda em Paris, anos que retratou no seu livro *Na Penúria em Paris e Londres*, publicado em 1936. O seu ativismo político em prol da democracia e da liberdade levou-o a juntar-se ao exército republicano na Guerra Civil Espanhola, conflito onde foi gravemente ferido e que motivou o relato lúcido e assombroso da sua participação na frente deste combate em *Homenagem à Catalunha*. O reconhecimento internacional da sua obra literária chegaria em 1945 com a publicação de *A Quinta dos Animais* e, em 1949, com *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*, considerados, hoje, dois dos textos mais relevantes e influentes do século xx. Orwell morreu em Londres, em 1950, vítima de tuberculose.

CATARINA FERREIRA DE ALMEIDA é tradutora de ficção e ensaio. Nasceu em Lisboa, onde se licenciou em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e viveu em França, onde, na Universidade de Rennes 2, concluiu o mestrado em *Literature, Theatre and Cinema*. Com obra traduzida tanto do inglês como do francês, incluindo autores como Oscar Wilde, Virginia Woolf, J. R. R. Tolkien, Georges Simenon, Robert Harris e Mohammed Dib, foi Primeiro Lugar (*ex aequo*) no Grande Prémio de Tradução Literária Francisco Magalhães em 2023, com a tradução de *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde (Penguin Clássicos), e foi distinguida com uma Menção Honrosa na edição de 2016 do Grande Prémio de Tradução Literária APT, pela tradução de *Longe da Multidão*, de Thomas Hardy (Presença). É ainda autora do livro *O Som das Coisas Leves Quando Caem*, publicado pela Nuvem de Letras (Penguin), que entrou em 2023 para o PNL, e coautora do livro *Muito Mais do que Saudade: do que falamos quando falamos de regresso* (projeto financiado pela FLAD, com edição da Cultura Editora) e da peça de teatro *Eu Nunca Vi Um Helicóptero Explodir* (uma coprodução Narrativaensaio, Casa das Artes de Famalicão e Câmara Municipal de Angra do Heroísmo). Publicou o seu primeiro conto na Avenida Marginal: Ficções, Ponta Delgada, em 2020.

RAQUEL VAZ-PINTO é investigadora do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI) da Universidade Nova de Lisboa e professora associada convidada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da mesma universidade, onde leciona as disciplinas de Estudos Asiáticos e História das Relações Internacionais. Foi presidente da Associação Portuguesa de Ciência Política de 2012 a 2016 e consultora do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian de 2020 a 2022. Autora de vários artigos e livros, entre os quais *A Grande Muralha e o Legado de Tiananmen, a China e os Direitos Humanos*, editado pela Tinta-da-China, e *Os Portugueses e o Mundo*, editado pela Fundação Francisco Manuel dos Santos. Os seus interesses de investigação são política externa e estratégia chinesa, os EUA e o Indo-Pacífico, e liderança e estratégia. Atualmente, é analista residente de política internacional da SIC Notícias e faz dupla com Pedro Vieira no *podcast As Amigas de Eleanor*, da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, um *podcast* sobre histórias de mulheres extraordinárias.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	VII
MIL NOVECENTOS E OITENTA E QUATRO	1
PARTE I.	3
CAPÍTULO UM.	5
CAPÍTULO DOIS	24
CAPÍTULO TRÊS	34
CAPÍTULO QUATRO	43
CAPÍTULO CINCO	54
CAPÍTULO SEIS	70
CAPÍTULO SETE	77
CAPÍTULO OITO	90
PARTE II.	113
CAPÍTULO UM.	115
CAPÍTULO DOIS	127
CAPÍTULO TRÊS	137
CAPÍTULO QUATRO	147
CAPÍTULO CINCO	158
CAPÍTULO SEIS	168
CAPÍTULO SETE	172
CAPÍTULO OITO	180
CAPÍTULO NOVE.	193

PORTE III	247
CAPÍTULO UM.....	249
CAPÍTULO DOIS	264
CAPÍTULO TRÊS	286
CAPÍTULO QUATRO	300
CAPÍTULO CINCO.....	309
CAPÍTULO SEIS	314
APÊNDICE	
Os princípios da novilíngua	326
NOTAS	341

INTRODUÇÃO

Devo começar esta introdução a uma das obras-primas da literatura mundial com uma confissão. Aceitei o convite para escrever este texto em registo Lucky Luke, ou seja, respondi «mais rápido do que a própria sombra». Aceitei sem olhar para a agenda e sem pensar sobre tudo o que teria de remarcar e, em linguagem futebolística, «chutar para canto». Bastou-me ler o nome Orwell no *e-mail* e o meu cérebro desligou. George Orwell é um dos escritores que considero geniais e uma espécie de amigo, já que são tantas e tantas as vezes que regresso às suas palavras. O seu estilo de escrita é inigualável e cada palavra é certa e à medida. *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro* é, simplesmente, um dos livros da minha vida. De tal forma o é, que me influenciou a estudar a importância dos regimes políticos na perspectiva internacional e a necessidade de defender as democracias liberais com unhas e dentes.

Depois da euforia e do entusiasmo do convite e de um sorriso que durou muitos dias, veio o peso da responsabilidade e a inevitável angústia quotidiana que nos corrói a alma. Seria capaz de conseguir escrever uma introdução que fizesse justiça a Eric Arthur Blair, nome com o qual George Orwell nasceu, e ao seu *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*? Depois de ensaiar várias táticas e após gastar muito papel, fiz algumas opções de modo a conseguir trazer aos leitores o génio de Orwell e de *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*.

No que toca à sua parte biográfica, segui a cronologia e os factos que constam da edição de *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro* da Everyman's Library (pp. xxviii-xxxix) de 1992. Mais ainda, ao invés de tocar em todas as partes da sua vida, optei por destacar as facetas que são relevantes para explicar o porquê de *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro* ser uma obra-prima mundial. Assim, a primeira parte desta introdução é uma resposta à pergunta: o que tem George Orwell de especial?

Em relação ao livro, pensei muito na melhor forma de captar a sua essência. Na minha perspectiva, mais do que fazer um resumo ou destacar as ideias principais e o seu contexto, o mais importante é demonstrar a necessidade imperiosa da sua leitura em 2024. Há perigos e lições que Orwell identifica em 1949, ano em que o livro foi publicado, que são intemporais, por um lado, e que, por outro, estão muito presentes nos tempos difíceis dos últimos anos. Entre crises económicas e menor prosperidade, uma pandemia, a guerra russa na Ucrânia, mais guerras e a consolidação de movimentos e de partidos iliberais ou de cariz ditatorial nas nossas democracias liberais, as palavras de Orwell continuam, infelizmente, acutilantes. Deste modo, a segunda parte desta introdução irá responder à pergunta: faz sentido, em 2024, ler um livro publicado em 1949?

O que tem George Orwell de especial?

Vamos então começar com as datas óbvias: Eric Arthur Blair nasce no início do século xx, mais precisamente no ano de 1903, a 25 de Junho, em Motihari, à época na Índia Britânica, e morre a 21 de Janeiro de 1950. Ao longo dos seus quarenta e seis anos teve uma vida atribulada, cosmopolita e intensa. A sua história pessoal revela bem a vivência de muitos britânicos durante a primeira metade do século xx: a existência do Império e o seu declínio, o período entre guerras e a dureza da vida de muitos

trabalhadores, a Segunda Guerra Mundial no horizonte e, por fim, o combate crucial aos totalitarismos. Estas quatro dimensões da vida de Orwell estão muito presentes na sua obra e na sua mundivisão.

Orwell estudou em Inglaterra e depois tomou a decisão de aderir à Polícia Imperial Indiana, tendo os seus cinco anos na Birmânia, a Myanmar de hoje, aguçado a sua visão crítica face à alegada «missão civilizadora» do Império. De 1927 a 1936, a sua vida foi agitada, difícil e, em paralelo, começou a escrever artigos, depois a publicar livros e a conseguir conciliar um lado intelectual muito profundo e desconcertante com a necessidade de fundamentação empírica. Por outras palavras, articular a teoria com a prática, que lhe foi muito útil na escrita, e a consolidar o seu pensamento de esquerda. Esta sua forma de estar e de compreender o mundo é uma das maiores riquezas da sua obra.

Em 1936, George Orwell toma uma das decisões mais cruciais da sua vida e vai para Espanha, onde a Guerra Civil tinha começado. A sua vertente de repórter de guerra cedo se vai fundir com a de combatente. É uma decisão corajosa e em linha com as suas convicções e, tanto assim é, que é alvejado na garganta com gravidade em 1937. Desta parte da sua vida sairá o livro *Homenagem à Catalunha*, publicado em 1938. A sua participação é também uma demonstração da visão de Orwell face ao alcance desta Guerra que irá terminar em 1939. Contrariamente a boa parte da Europa, incluindo as elites britânicas e francesas, Orwell compreendeu o que significava o apoio fascista e nazi a Franco. Para ele, o nazismo e o fascismo não podiam ser contemporizados e o seu totalitarismo intrínseco só podia ser combatido.

Mas a Guerra Civil Espanhola reservou-lhe uma surpresa: afinal, a União Soviética, apoiante dos republicanos, era, também ela, totalitária. Foi com perplexidade que observou a aniquilação das facções não-comunistas pelos comunistas. Na verdade, a observação desta realidade foi muito bem captada no Apêndice 1

do seu *Homenagem à Catalunha* «Se me perguntassem porque me alistara na milícia, responderia: “Para lutar contra o fascismo.” E se me perguntassem a favor de que lutava, responderia: “Da simples decência.”» E, umas linhas mais à frente, escreve «Por que não abandonamos todas essas tolices políticas [divisões entre as facções de esquerda] e não avançamos com a guerra?».

Perante este choque com a realidade, não fechou os olhos ou fez de conta que não tinha visto. Deste embate muito duro sairá mais tarde o seu *A Quinta dos Animais*, que foi publicado em 1945, com imenso sucesso. A caracterização da ditadura soviética, mais ainda com assinatura em 1939 do Pacto de Não-Agressão, mais conhecido como Ribbentrop-Molotov, com a Alemanha nazi, que duraria até à invasão da União Soviética por Hitler em 1941, é implacável. No livro, o modo como a libertação dos animais da quinta se transforma paulatinamente em opressão comandada pelos porcos é escrita de modo satírico e certo. Uma das mensagens mais marcantes é, sem dúvida, o *slogan* «Todos os animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais do que outros.»

É nesta fase que George Orwell assume a sua qualidade mais notável: se os factos não batiam certo com a teoria, então era preciso investigar, estudar, analisar e procurar a verdade. Mais ainda, Orwell é um homem de palavras, mas também é um homem de acção. Seja na Guerra Civil Espanhola, seja nas suas tentativas de se alistar no esforço de guerra britânico. A sua saúde frágil «apenas» o deixou fazer parte da Guarda Nacional. Do mesmo modo, para poder descrever as condições duríssimas dos trabalhadores nesta época, por exemplo, mergulhou nas minas da Inglaterra profunda. Em paralelo, esteve na BBC e, sobretudo, continuou a escrever. Todas as aprendizagens e a sua experiência parecem convergir para a sua obra-prima: *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*. Para conseguir escrevê-la, mudou-se para a ilha de Jura, na Escócia, em 1946. No entanto, a sua saúde não dava tréguas e foi hospitalizado vários meses. Finalmente,

em Junho de 1949, é publicado *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro* e Orwell recebe o respeito do público e a sua consagração. Viria a morrer cerca de seis meses depois, em Janeiro de 1950, na capital britânica.

A sua influência e o seu legado ao longo de décadas revelam-se também através da sua popularidade, seja na música de David Bowie e o seu álbum (sim, sou desta geração) *Diamond Dogs*, seja no cinema ou na televisão, incluindo um certo programa-televisivo-cujo-nome-me-recuso-a-pronunciar.

Muitas vezes penso no que Orwell teria reflectido sobre a Guerra Fria se não tivesse morrido aos quarenta e seis anos. Penso também no que poderia ter escrito, seja no seu registo de repórter, seja na sua vertente mais literária. Fico, pelo menos, com o consolo de ter sido reconhecido, respeitado e admirado em vida, mesmo que o tenha sido apenas na fase final da sua existência. E, tanto assim foi, que quando pensamos num mundo totalitário reforçado pela tecnologia que oprime, que vigia constantemente, que aniquila o ser humano, então a expressão que usamos é «orwelliano». É este o contexto do *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro* e o modo como o protagonista Winston Smith tentou remar contra a maré totalitária. É um livro onde cada página nos surpreende pela imaginação, onde os detalhes são sublimes e revelam uma compreensão sofisticada dos totalitarismos, da instrumentalização da guerra e uma crítica à desumanização das massas.

Faz sentido, em 2024, ler este livro publicado em 1949?

Claro que sim. Em 2024, continua uma tendência identificada por muitos, nomeadamente a *Freedom House*, a nível internacional: a «erosão», o «declínio», a «regressão» das democracias liberais. Há igualmente uma preocupação acrescida com a qualidade, a saúde dessas democracias. Se juntarmos a esta

realidade deprimente o impacto crescente dos chamados «ditadores digitais», ou seja, o modo como «as ditaduras estão a abraçar a tecnologia para refazerem o autoritarismo na era moderna» (Andrea Kendall-Taylor, Erica Frantz e Joseph Wright, «The Digital Dictators», in *Foreign Affairs*, vol. 99, n.º 2, Março/Abril 2020, pp. 103-115) então, talvez o mundo imaginado por Orwell não seja assim tão distante de nós.

Mas, antes de avançar para a contemporaneidade deste livro escrito em 1949, é melhor começar pela aventura «orwelliana» que o autor nos propõe. E como nos explica ele este mundo? Primeiro, «(...) no século xx, vieram os totalitários, como eram chamados. Os nazis alemães e os comunistas russos» (p. 278 desta edição). E, em segundo, «foi só ao fim de uma década de guerras nacionais e civis, de revoluções e contrarrevoluções em toda a parte do mundo (...)» (p. 223). Neste contexto, «(...) a invenção das bombas atômicas (...) nos anos quarenta e foram usadas pela primeira vez em larga escala cerca de uma década depois. Nessa altura, centenas de bombas foram largadas em centros industriais, sobretudo na Rússia Europeia, na Europa Ocidental e na América do Norte» (p. 211). Entretanto, são criados três «superestados», a Oceânia liderada pelos Estados Unidos da América, a Eurásia sob a égide da Rússia e a Lestásia centrada na China. Orwell explica ainda como «(...) não se lançaram mais bombas. (...) Nenhum dos três superestados ousa alguma vez uma manobra que envolva o risco de uma derrota séria» (p. 211).

Ao lermos esta passagem, lembramo-nos de imediato da chamada MAD — *Mutual Assured Destruction* — que caracterizou as duas superpotências em matéria nuclear durante a Guerra Fria. É espantosa esta visão de Orwell, pois a União Soviética só chegaria à arma nuclear cerca de dois meses depois da publicação de *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*.

O livro é contado a partir da Oceânia onde se encontra o protagonista, Winston Smith. Logo no arranque percebemos como vamos entrar num mundo estranho, claustrofóbico. É, na

verdade, uma das melhores frases de abertura de sempre: «Era um dia de abril frio e luminoso, e os relógios batiam as treze.» O *slogan* da Oceânia é simples e sinistro: «Guerra é paz. Liberdade é escravidão. Ignorância é força» (p. 8). Neste lugar do mundo vigora o totalitarismo Soving, ou seja, o Socialismo inglês, tal como nos inimigos/aliados Eurásia o «neo-bolchevismo» e na Lestásia o «Culto da Morte» ou «Obliteração do eu» (p. 213). A guerra tem lugar pelo domínio de «um quadrilátero irregular, com os seus vértices em Tanager, Brazzaville, Darwin e Hong Kong (...) e do Ártico» (p. 201). A Oceânia está sempre em guerra e a instrumentalização desse estado permanente é a base para a desumanização de tudo e de todos. Mais ainda, com base na tecnologia, o seu líder está em todo o lado, a toda a hora: «O Grande Irmão tudo vê» (p. 5). O nefasto «telecrã» está sempre ligado nas casas, no trabalho e nas ruas. Mais ainda, a divisão da Oceânia é feita em quatro ministérios: «Verdade, Paz, Amor e Abundância» (p. 8). A fina ironia de George Orwell perpassa todo o livro.

É contra o totalitarismo desta sociedade que Winston tenta revoltar-se. Ele luta contra a aniquilação da individualidade e num acto revolucionário decide começar a escrever um diário. Na Oceânia, como é apanágio dos totalitarismos, a vida é feita sem «família», sem «amizade», sem «prazer», sem «amor», sem «lealdades», sem «riso», sem «arte, literatura ou ciência» e «todos os prazeres concorrentes são destruídos» (pp. 292-293). Neste universo, as crianças são um alvo crucial e, desde cedo, fazem parte de associações que visam transformá-las em agentes do Grande Irmão. Como escreve Orwell, «era quase normal as pessoas com mais de trinta anos terem medo dos seus filhos», que os delatavam sem dó nem piedade, e ao «pequeno bufo — chamavam-lhe “herói-criança”» (pp. 28-29). A violência e a brutalidade fazem parte do seu quotidiano e por isso os filhos de uns vizinhos de Winston ficam desiludidos «porque não puderam ir assistir ao enforcamento» (p. 27). Para ajudar ao

contraste, Winston recorda-se de «(...) um tempo em que ainda havia privacidade, amor e amizade, e os membros de uma família se mantinham unidos sem precisarem de saber porquê» (p. 35). A caracterização que Orwell faz dos totalitarismos é extraordinária e imediatamente a podemos associar, por exemplo, à China maoista e, em especial, aos jovens Guardas Vermelhos durante a Revolução Cultural ou à Coreia do Norte, bem como à destruição da família pela Alemanha Nazi e sua substituição por uma alegada família tradicional «ariana»: «*Kinder, Küche, Kirche.*»

Outra dimensão do livro é a imaginação da dimensão linguística do totalitarismo. Para Orwell, a linguagem é crucial na vida política e como escreveu em 1946, no seu ensaio *Politics and the English Language*: «Mas se o pensamento corrompe a linguagem, a linguagem também pode corromper o pensamento.» Em *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*, esta relação é levada ao limite e a «Novilíngua» é indissociável do totalitarismo. E como se faz isto? Através da «destruição de palavras» e do «estreitar o alcance do pensamento», nomeadamente, dos antónimos pois, «afinal, que justificação existe para uma palavra que é apenas o contrário de outra?» Por exemplo, «mau» passa a «desbom» (pp. 57-58). Quando as pessoas têm um «desequilíbrio mental» ou «defeito de memória» (p. 270) e não compreendem as maravilhas da Oceânia são vaporizados à noite (pp. 22-23), ou seja, mortos ou em Novilíngua «impessoas» (p. 51). Como é óbvio, palavras como «liberdade», «honra, justiça, moral, internacionalismo, democracia, ciência e religião» desaparecem do mapa (p. 332). E, também, como é de esperar há uma interdição de «línguas estrangeiras» e a Oceânia vive num «mundo selado» (p. 213), onde apenas «para distâncias de menos de cem quilómetros, não era necessário um visto (...)» (p. 127). Além das «impessoas», talvez a minha contribuição favorita da Novilíngua seja a palavra «vidaprópria» que «significava individualismo e excentricidade» (p. 90). Quando penso nos milhares de «desaparecidos», vítimas do regime de Pinochet e da Junta

Militar argentina, lembro-me destas «impessoas» que são «vaporizadas durante a noite». O que estes regimes tentaram fazer foi «apagar» estas pessoas, não dando sequer às famílias a possibilidade de fazerem o luto. Como tão bem escreve Orwell: «Os seus nomes eram removidos dos registos, tudo o que tinham feito até ali era apagado do sistema, a sua existência era negada e, depois, esquecida. Eram abolidas, reduzidas a nada» (p. 23).

Se pensarmos nos dias de hoje, são muitos os exemplos de palavras que são tantas vezes usadas, que vão perdendo o seu significado, ou outras que são mal aplicadas. Entre muitos exemplos, expressões como «guerra à pandemia» e outras fazem com que o significado verdadeiro da palavra «guerra» se vá diluindo e perdendo peso. Guerra é o que acontece no território da Ucrânia face à agressão da Rússia. Outra é o conceito «comunidade internacional» para descrever o mundo, quando não existe, de todo, uma comunidade a nível internacional. São muitos os exemplos e, tal como a erosão costeira, o impacto não é imediato, mas vai fazendo o seu caminho.

Neste mundo de vigilância ao segundo, os habitantes da Oceânia têm de «acreditar em dois opostos ao mesmo tempo e aceitá-los a ambos», ou seja, no «duplopensamento» (p. 235). Têm de participar com alegria e entusiasmo na «Semana do Ódio» e nos «Dois minutos de Ódio» e assim evitar incorrer num «crime facial», ou seja, «o simples facto de se ter no rosto uma expressão inadequada (por exemplo, parecer incrédulo quando uma vitória era anunciada) constituía, por si só, um delito punível» (p. 68). Se o não fizerem com cara alegre, passam a ser «criminosos-de-duplopensamento» investigados pela «polícia do pensamento», pois não são capazes de respeitar a «negação da realidade objetiva». Para além da participação inevitável na «Liga da Juventude Anti-Sexo» ou nos «Espíões». E, no caso dos prevaricadores, o que lhes é pedido é assim resumido: «nós não nos satisfazemos com uma obediência negativa, nem mesmo com a mais indigna das submissões. Quando, finalmente, te renderes a nós, terás de

o fazer de livre e espontânea vontade» (p. 279). Mais ainda, como irá concluir Winston: «Daí em diante, não teria apenas de pensar o certo, teria de sentir o certo, sonhar o certo» (p. 307). Esta realidade só se aplica aos membros do Partido Interno («perfazem um total de seis milhões, pouco menos de dois por cento da população» p. 227), e não aos «proles», que são «talvez oitenta e cinco por cento da população» (p. 228), e não são considerados «humanos» (p. 59). Na verdade, para Winston são precisamente o oposto: «Se há uma esperança, ela reside nos proles» (p. 77). Claro está que os membros do Partido Interno têm privilégios tais como desligar o «telecrã» ou beber vinho. Neste processo de submissão a tecnologia é onnipresente. Parece um futuro distante? Nem por isso. Basta pensarmos nos «ditadores digitais», no sistema chinês de crédito social e nas ferramentas tecnológicas que permitem o reconhecimento facial ou de voz. Em matéria de lavagens cerebrais, os exemplos ao longo da História, tais como os Khmer Rouge no Camboja, os Soviéticos ou os Maoistas, são mesmo muitos.

Mesmo nas nossas sociedades democráticas liberais, a tecnologia de hoje é incontornável e muito útil. Não conseguimos imaginar a nossa vida sem a *internet*, as séries em *streaming*, as redes sociais, as compras *on-line*, as *apps* que nos entregam o jantar em casa ou que nos transportam ao destino. Como é evidente, a tecnologia que tanto nos ajuda também pode funcionar como um instrumento poderoso de controlo das nossas vidas. Por vezes, penso como Orwell reagiria à nossa vida *on-line*, mas tenho a certeza que reviraria os olhos quando lesse as palavras *smartphone* ou *smarttv*.

Outra característica importante no mundo «orwelliano» é o poder da História: «Quem controla o passado controla o futuro: quem controla o presente controla o passado.» E num detalhe que revela bem a sofisticação da sua imaginação, Orwell acrescenta: «no entanto, o passado, embora por natureza alterável, nunca se tinha alterado» (p. 40). Num caso concreto relativo à troca

de aliado e inimigo da Oceânia encontramos esta pérola: «A versão oficial era que nunca tinha havido uma mudança de aliados» (p. 39). Esta vigilância constante da versão oficial implica um trabalho minucioso de todas as notícias e imagens, que vão desaparecendo nos «Buracos da Memória» (p. 43). Além desta construção quase perfeita de uma missão que implica a desconstrução constante da verdade, há uma preocupação com a manutenção no poder: «Uma classe dominante só continua a ser dominante enquanto estiver em posição de nomear os seus sucessores» (p. 229).

Através da tecnologia e da submissão humana, Orwell leva ao limite o poder de controlo sobre o passado. Esta deriva é uma constante ao longo do tempo e nos dias de hoje manifesta-se de forma diferente em vários regimes e países. Veja-se, por exemplo, a enorme dificuldade do Japão em lidar com o seu imperialismo da primeira metade do século xx e, em concreto, com a Guerra do Pacífico e a Segunda Guerra Mundial. Outro exemplo, desta feita de cariz ditatorial, são os novos manuais escolares da Rússia de Vladimir Putin sobre a História pós-Segunda Guerra Mundial ou a Educação Patriótica na China. São dois exemplos entre muitos da tentativa de controlar o passado. É bem diferente do trabalho de historiadores sérios cuja investigação nos vai permitindo conhecer melhor o passado, muitas vezes, corrigindo, à luz de novas fontes, aspectos de um facto histórico ou trazendo à superfície histórias esquecidas ou mesmo apagadas, mas certamente secundarizadas, de contributos das mulheres ao longo dos séculos.

Perante este mundo «orwelliano» quais são as lições que podemos retirar? Mais do que um livro pessimista, na minha perspectiva, Orwell escreveu um manifesto poderoso sobre o que devemos e podemos evitar. Em primeiro lugar, ter muito cuidado com a excepcionalidade da guerra e a sua instrumentalização para o prolongamento de estados de emergência, a brutalização e desumanização dos seres humanos. Em segundo lugar, ter em

atenção a fragilidade das democracias liberais. Esquecemo-nos muitas vezes do quão vulneráveis são as nossas democracias e como a liderança, o debate e o acesso a informação credível são fundamentais. Orwell viveu a Segunda Guerra Mundial e, até à entrada dos Estados Unidos da América no final de 1941, a resistência britânica teve momentos muito, muito difíceis.

No mesmo ano em que celebramos 50 anos do 25 de Abril e da nossa transição democrática, temos sinais iliberais muito sérios na política e na sociedade portuguesas. Nesta matéria, infelizmente, Portugal não está sozinho. A preocupação com o iliberalismo afecta, outros Estados-membros da União Europeia. À cabeça, a Hungria de Viktor Orbán. E o mesmo em outras geografias, tais como nos Estados Unidos da América.

O que podemos fazer? Através das suas palavras e dos seus actos, Orwell dá-nos duas lições preciosas. É preciso defender e promover as democracias liberais na sua plenitude, ou seja, na vertente dos direitos políticos e liberdades civis, mas também na melhoria das condições socioeconómicas dos cidadãos. A segunda lição é a de que, por vezes, em momentos cruciais a única opção é mesmo o combate, sem atalhos ao estilo de Neville Chamberlain que, em 1938, considerava ter conseguido «a paz para o nosso tempo». A lucidez de Orwell face ao totalitarismo nazi é impressionante. Mais impressionante ainda, a sua fotografia da essência totalitária da União Soviética.

Nos dias de hoje, há quem considere dar um «segundo olhar» aos talibãs no Afeganistão ou quem advogue a paz na Ucrânia a todo o custo. Há quem queira reverter os direitos das mulheres que foram tão arduamente conquistados. Há quem queira regressar a uma alegada «pureza étnica». A todos eles tenho a certeza que George Orwell responderia com a necessidade de um combate quotidiano e atento. Nas palavras de Winston Smith no início do seu processo de recusa da omnisciência do Grande Irmão: «Para o futuro, ou para o passado, para um tempo em que o pensamento seja livre, em que os homens sejam diferentes uns

dos outros e não vivam sozinhos — para um tempo em que haja verdade e em que o que for feito não possa ser desfeito».

Por último, deixo os meus sinceros parabéns à tradução cuidada, rigorosa e com alma da Catarina Ferreira de Almeida. Foi um prazer ler esta tradução, que é uma bela homenagem à escrita contida e certa de George Orwell. E agradeço aos amigos António Araújo e Pedro Vieira os comentários e as sugestões a esta introdução.

Pelas suas palavras e pelas suas acções, pelo seu mérito e pela sua coragem intelectual e física, pela procura da verdade, pela rejeição dos totalitarismos com ou sem tecnologia, pela preocupação com o impacto socioeconómico de um capitalismo sem regras, pela visão e pela imaginação, George Orwell merece ser conhecido e, sobretudo, merece ser lido.

Raquel Vaz-Pinto

Mil Novecentos
e Oitenta e Quatro

PARTE I

CAPÍTULO UM

Era um dia de abril frio e luminoso, e os relógios batiam as treze. De queixo enterrado no peito para tentar escapar ao vento inclemente, Winston Smith esgueirou-se depressa pelas portas envidraçadas de Victory Mansions, mas não a tempo de impedir que uma espiral de pó e terra entrasse com ele.

O átrio cheirava a couve cozida e a velhos tapetes de trapos. Um cartaz colorido, demasiado grande para um espaço interior, enchia a parede do fundo. Representava apenas um rosto colossal, com mais de um metro de largura: o rosto de um homem de cerca de quarenta e cinco anos, com um espesso bigode preto e traços rudes mas atraentes. Winston dirigiu-se para as escadas. Não valia a pena tentar ir de elevador. Mesmo nos melhores tempos, raramente funcionava, e agora a eletricidade até estava cortada durante as horas do dia, em prol do esforço de contenção que antecedia a Semana do Ódio. O apartamento ficava no sétimo piso, e Winston, com trinta e nove anos e uma úlcera varicosa acima do tornozelo direito, subiu as escadas devagar e parou várias vezes pelo caminho. Em todos os patamares, na parede à frente do poço do elevador, o cartaz da cara gigantesca espiava-o. Era um desses retratos de tal modo concebidos que os olhos seguem os movimentos de quem por eles passa. Por baixo, tinha uma legenda: O GRANDE IRMÃO TUDO VÊ.

Dentro do apartamento, uma voz melódica enunciava listas de números relativos à produção de ferro-gusa. A voz vinha de uma placa de metal oblonga, que lembrava um espelho baço,

embutida na parede do lado direito. Winston rodou o botão e a voz diminuiu de volume, sem que as palavras deixassem de ser perceptíveis. Era possível atenuar o som do aparelho (chamavam-lhe «telecrã»), mas não havia maneira de o desligar por completo. Winston avançou para a janela: fraca e triste figura, a quem o fato-macaco azul que era o uniforme do Partido só sublinhava a magreza das carnes. Tinha um cabelo muito louro, o rosto naturalmente sanguíneo e a pele inflamada pelo sabão grosseiro, as lâminas de barbear rombas e o frio do inverno que vinha de findar.

Lá fora, mesmo com a janela fechada, o mundo parecia frio. Na rua em baixo, pequenas rajadas de vento faziam rodopiar poeira e pedaços de papel e, embora o Sol brilhasse no azul agreste do céu, era como se nada tivesse cor a não ser os cartazes colados por toda a parte. De cada esquina principal, o rosto do bigode preto fitava-os. Havia um na fachada logo em frente. O GRANDE IRMÃO TUDO VÊ, dizia a legenda, enquanto os olhos negros se cravavam nos olhos de Winston. Ao nível da rua, outro cartaz, rasgado num dos cantos, agitava-se ao sabor do vento, tapando e destapando a palavra «Socing». Muito ao longe, um helicóptero desceu devagar entre os telhados, pairou uns instantes qual mosca-varejeira e tornou a afastar-se, rápido como uma flecha, num voo curvo. Era uma patrulha da polícia a espreitar pelas janelas das pessoas. As patrulhas, contudo, não eram importantes. A única coisa que importava era a Polícia do Pensamento.

Nas costas de Winston, a voz do telecrã continuava a debitar informações a respeito do ferro-gusa e da superação das metas do Nono Plano Trienal. O telecrã recebia e transmitia em simultâneo. Qualquer ruído que Winston produzisse acima de um sussurro muito baixo era captado. Além disso, enquanto permanecesse no campo de visão da placa de metal, Winston podia ser visto, além de ouvido. Claro que ninguém tinha maneira de saber se estava, num dado momento, a ser vigiado. Com que

frequência, e por meio de que sistema, a Polícia do Pensamento se ligava a uma dada linha individual só constituía matéria de conjecturas. Concebia-se até que conseguissem vigiar toda a gente a todos os instantes. Fosse como fosse, podiam ligar-se à linha de cada um sempre que quisessem. A vida tinha de ser vivida — era-o por força de um hábito que já se tornara instinto — sob o pressuposto de que todos os sons eram ouvidos e, salvo na escuridão, todos os movimentos eram escrutinados.

Winston manteve-se de costas viradas para o telecrã. Era mais prudente, embora as costas, sabia-o bem, também pudessem ser reveladoras. A um quilómetro de distância, o Ministério da Verdade, onde ele trabalhava, erguia-se, branco e vasto, sobre a paisagem fuliginosa. Aquilo era Londres, pensou, com uma espécie de vaga repulsa, a cidade mais importante da Pista Um, por sua vez a terceira província mais populosa da Oceânia. Tentou espremer da memória alguma recordação de infância que lhe indicasse se Londres sempre fora assim, como a via agora. Teriam sempre existido aqueles panoramas de decrepitas casas oitocentistas com flancos escorados por barrotes de madeira, cartão nas janelas a substituir as vidraças, telhados com remendos de chapa ondulada e muros de jardim desgovernados a descair em todas as direções? E os lugares bombardeados onde a caliça rodopiava no ar e a salgueirinha se espalhava pelos montes de escombros; e os sítios onde as bombas tinham escavado buracos maiores de que brotavam sórdidas colónias de barracas de madeira semelhantes a galinheiros? Mas era inútil, Winston não conseguia lembrar-se: nada lhe ficara da infância, a não ser uma série de quadros luminosos isolados de um contexto e, no geral, ininteligíveis.

O Ministério da Verdade — Minivero, em novilíngua¹ — demarcava-se de forma alarmante de todos os objetos circundantes. Era uma gigantesca estrutura piramidal, construída em fúlgido cimento branco, que, socalco a socalco, atingia trezentos metros de altura. Do lugar onde se encontrava, Winston

consequia ler os três lemas do Partido gravados com uma inscrição elegante na fachada branca do edifício:

GUERRA É PAZ
LIBERDADE É ESCRAVATURA
IGNORÂNCIA É FORÇA

Dizia-se que o Ministério da Verdade continha três mil salas acima do solo e as correspondentes ramificações subterrâneas. Dispersos por Londres, só havia mais três edifícios de semelhante aparência e dimensão. E a sua presença esmagava de tal forma a arquitetura envolvente que, do telhado de Victory Mansions, se via os quatro edifícios ao mesmo tempo. Eram as sedes dos quatro ministérios sobre os quais assentava todo o aparelho de governo. O Ministério da Verdade, que se ocupava da informação, do entretenimento, da educação e das belas-artes. O Ministério da Paz, que se ocupava da guerra. O Ministério do Amor, que zelava pelo cumprimento da lei e da ordem. E o Ministério da Abundância, responsável pelos assuntos económicos. Os seus nomes, em novilíngua, eram: Minivero, Minipaz, Minimor e Minipleno.

O Ministério do Amor era, de facto, o mais assustador. Não possuía uma única janela. Winston nunca lá tinha entrado e nunca estivera sequer a menos de meio quilómetro de distância. Era um lugar onde ninguém podia entrar a não ser em missão oficial e, mesmo assim, havia que percorrer um labirinto de novelos de arame farpado, portas de aço e ninhos ocultos de metralhadoras. Até as ruas que conduziam às suas barreiras exteriores eram vigiadas por guardas de uniforme preto e cara de gorila, armados com bastões expansíveis.

Winston virou-se de repente. Fixara no rosto essa expressão de sereno otimismo que era aconselhável quando se estava diante do telecrã. E atravessou a sala direito à minúscula cozinha. Ao sair do Ministério àquela hora do dia, sacrificara o almoço

na cantina e sabia que não havia comida na cozinha, a não ser um pedaço de pão escuro que teria de guardar para o pequeno-almoço do dia seguinte. Tirou da estante uma garrafa de líquido incolor, com um rótulo branco e simples, onde se lia: GIM VICTORY. Libertava-se dele um odor gorduroso e enjoativo que lembrava o da aguardente de arroz chinesa. Serviu-se de uma chávena quase cheia, preparou-se para o choque e bebeu-o de um trago como se fosse um remédio.

De imediato, ficou muito vermelho e vieram-lhe lágrimas aos olhos. A bebida era como ácido nítrico e, ao engoli-la, uma pessoa sentia que tinha levado uma pancada na nuca com um cacete de borracha. Logo a seguir, porém, o ardor no estômago atenuou-se, e o mundo começou a parecer-lhe um lugar mais agradável. Tirou um cigarro de um maço amachucado com o rótulo CIGARROS VICTORY, mas por lapso segurou-o na vertical, e o tabaco caiu ao chão. Teve mais sorte com o cigarro seguinte. Regressou à sala de estar e sentou-se numa mesa pequena à esquerda do telecrã. Da gaveta da mesa, tirou um porta-penas, um tinteiro e um grosso livro in-quarto, ainda virgem, com contracapa vermelha e capa jaspeada.

O telecrã da sala de estar fora colocado, por qualquer razão, numa posição inusitada. Ao invés de se encontrar, como seria normal, na parede do fundo, de onde dominaria a sala inteira, estava na parede mais comprida à frente da janela. Num dos lados, havia uma alcova pouco funda onde Winston entretanto se sentara e que, na altura em que os apartamentos tinham sido construídos, devia ter sido pensada para ser uma estante de livros. Quando se sentava na alcova, bem encostado ao fundo, conseguia subtrair-se ao campo de visão do telecrã. Naturalmente, podia ser ouvido, mas, enquanto permanecesse na posição em que estava, não podia ser visto. Fora, em parte, a invulgar geografia daquela sala que lhe sugerira aquilo que se preparava para fazer.

Mas a ideia também lhe tinha sido inspirada pelo livro que acabara de tirar da gaveta. Tratava-se de um objeto especialmente

bonito. O papel macio, de cor creme, um pouco amarelecido pelo tempo, era de uma qualidade que já não se fabricava há pelo menos quarenta anos. Ele suspeitava, no entanto, que o livro fosse muito mais antigo do que isso. Vira-o na montra de uma bafienta loja de velharias, num bairro pobre da cidade (não se lembrava de qual bairro ao certo), e sentira-se logo tomado pelo desejo irresistível de o possuir. Esperava-se que os membros do Partido não frequentassem as lojas comuns (que operavam no chamado «mercado livre»), mas a regra não era cumprida à risca porque havia vários artigos, como os atacadores dos sapatos e as lâminas de barbear, que não se arranjavam de outra maneira. Winston olhara de relance para um lado e para o outro da rua e enfiara-se na loja, onde tinha comprado o livro por dois dólares e cinquenta. Na altura, não se apercebera de que o comprara com um propósito específico. Culposo, levou-o para casa na pasta do trabalho. Mesmo com as páginas em branco, era um objeto comprometedor.

Aquilo que se preparava para fazer era começar a escrever um diário. Fazê-lo não era ilegal (nada era ilegal, uma vez que já não existiam leis), mas, caso fosse descoberto, seria quase de certeza punido com a morte, ou condenado a vinte e cinco anos, pelo menos, num campo de trabalhos forçados. Winston encaixou um aparo no porta-penas e chupou-o para retirar a gordura. A caneta de tinta permanente era um instrumento arcaico, raramente usado mesmo para fazer assinaturas, e ele arranjara uma às escondidas, não sem dificuldade, apenas por sentir que um papel tão bonito e cremoso merecia o traço de um verdadeiro aparo, em vez dos riscos de um lápis de tinta. Na realidade, não estava habituado a escrever à mão. Tirando notas muito curtas, a regra era ditar tudo para o fala-escreve, o que naturalmente não seria adequado na presente ocasião. Mergulhou o aparo na tinta e hesitou um segundo. Um tremor revolvia-lhe as entranhas. Deixar a sua marca no papel era o ato decisivo. Numa caligrafia tosca e miudinha, escreveu:

4 de abril de 1984.

Recostou-se na cadeira. Abatera-se sobre ele um profundo sentimento de impotência. Para começar, não tinha a certeza de que o ano fosse 1984. Devia ser mais ou menos isso, porque estava convencido de que tinha trinta e nove anos e julgava-se nascido entre 1944 e 1945; mas, nos tempos que corriam, nunca se conseguia fixar uma data sem uma margem de erro de um ano ou dois.

Para quem, ocorreu-lhe de súbito perguntar, escrevia ele aquele diário? Para o futuro, para os que ainda não tinham nascido. O seu espírito pairou uns instantes à volta da data aproximativa escrita na página e estacou com um solavanco numa palavra da novilíngua: *duplopensamento*. Pela primeira vez, a magnitude do que se propunha fazer amanheceu no seu espírito. Como podia ele comunicar com o futuro? Era, por natureza, uma tarefa impossível. Ou o futuro se assemelharia ao presente e, nesse caso, não lhe daria ouvidos; ou seria diferente, e o seu exemplo já não seria pertinente.

Durante algum tempo, fitou o papel sem pensar. O telecrã emitia entretanto uma estridente fanfarra militar. Era curioso como Winston não só parecia ter perdido o poder de se exprimir, como até já se esquecera do que, na origem, tivera a intenção de dizer. Havia semanas que andava a preparar-se para aquele momento e nunca lhe ocorrera que fosse necessário mais alguma coisa para além da coragem. A escrita em si seria fácil. Bastar-lhe-ia transferir para o papel esse turbulento e incessante monólogo que lhe corria no pensamento, em boa verdade, havia anos. Nesse momento, porém, até o monólogo estancara. Além disso, começara a sentir uma comichão insuportável na úlcera varicosa. Não se atrevia a coçar porque, se o fizesse, ficaria inflamada. Os segundos estavam a passar. Não tinha consciência de mais nada, apenas do vazio da página branca à sua frente, da comichão

na pele acima do tornozelo, da estridência da fanfarra e da ligeira tontura provocada pelo gim.

De supetão, pôs-se a escrever, num acesso de pânico, vagamente consciente do que lançava no papel. A sua letra miúda, embora infantil, subia e descia na página, começando por perder as maiúsculas e, por fim, até os pontos finais:

4 de abril de 1984. Ontem, noite de cinema. Só filmes de guerra. Um deles muito bom, o do navio cheio de refugiados bombardeado algures no Mediterrâneo. O público muito divertido com as imagens de um homem grande e gordo a tentar fugir a nado de um helicóptero, primeiro via-se o homem a chafurdar na água como um golfinho, depois aparecia na mira do canhão do helicóptero, por fim, crivado de balas com o mar à volta a tingir-se de cor-de-rosa, e foi ao fundo tão de repente que parecia que os buracos das balas tinham deixado entrar a água. a audiência a rir-se a bandeiras despregadas quando ele se afundou. a seguir apareceu um salva-vidas cheio de crianças, sobrevoado por um helicóptero. havia uma mulher de meia-idade, talvez judia, sentada na proa do barco, com um menino de cerca de três anos nos braços. o rapaz gritava de medo e escondia a cabeça entre os seios da mulher como tentasse meter-se lá dentro, e ela abraçou-o e confortou-o, embora também estivesse roxa de medo, e envolveu-o o mais possível com os braços, como se estes o pudessem proteger das balas. Depois, o helicóptero deixou cair uma bomba de vinte quilos em cima deles, foi uma explosão incrível, e o barco desfez-se em estilhaços. a seguir houve um plano fabuloso do braço de uma criança a ir pelos ares, deve ter sido filmado com uma câmara na ponta de um helicóptero, e houve uma chuva de aplausos vinda dos lugares dos

membros do Partido, mas uma mulher na parte reservada aos proles desatou num berreiro, a bater com os pés e a dizer qu'eles não deviam ter mostrado aquilo, não à frente das crianças, não deviam, não estava certo à frente das crianças, não estava, até a polícia a levar para fora a levar não creio que lhe tenha acontecido nada ninguém quer saber do que dizem os proles é mesmo típico dos proles reagirem assim eles nunca...

Winston parou de escrever, em parte porque sentiu uma câibra. Não sabia o que o levava a verter aquela torrente de despropósitos. Contudo, o mais curioso era que, enquanto estivera a escrever, uma outra memória se clarificara no seu pensamento, ao ponto de se sentir tentado a passá-la para o papel. Percebia agora que tinha sido por causa desse outro incidente que decidira de repente voltar para casa e começar, nesse dia, a escrever o seu diário.

O incidente, se é que se podia chamar incidente a algo tão nebuloso, tivera lugar no Ministério, nessa manhã.

Eram quase onze em ponto e, no Departamento de Registos, onde Winston trabalhava, arrastavam-se as cadeiras para fora dos cubículos a fim de as agrupar no centro da sala, à frente do grande telecrã, em preparação para os Dois Minutos de Ódio. Winston estava a instalar-se numa das filas do meio quando duas pessoas que conhecia de vista, mas com quem nunca falara, entraram na sala de forma inesperada. Uma delas era uma rapariga com quem se cruzava muitas vezes nos corredores. Não sabia o nome dela, mas sabia que trabalhava no Departamento de Ficção. Como já a vira algumas vezes a segurar numa chave de porcas e com as mãos sujas de óleo, presumia que ela tivesse um trabalho mecânico, numa das máquinas de escrever romances. Era uma rapariga de ar intrépido, com cerca de vinte e sete anos, cabelo escuro e espesso, faces sardentas, movimentos rápidos e atléticos. Amarrada com várias voltas à cintura do fato-macaco

azul, usava uma estreita faixa vermelha, emblema da Liga da Juventude Anti-Sexo, que era suficientemente justa para lhe realçar a forma redonda das ancas. A rapariga desagradara-lhe desde que a vira pela primeira vez, e Winston sabia porquê: era por causa dessa atmosfera de campos de hóquei, banhos frios, caminhadas de grupo e higiene moral que ela teimava em trazer consigo. Quase todas as mulheres lhe desagradavam, principalmente as mais jovens e bonitas. Eram sempre as mulheres, sobretudo as mais novas, as mais fervorosas beatas do Partido, as que engoliam todos os lemas, as espias amadoras, as farejadoras de heresias. Aquela em particular parecia-lhe, contudo, ainda mais perigosa do que as outras. Numa dessas vezes em que se tinham cruzado no corredor, ela deitara-lhe um rápido olhar de soslaio que o trespassara de uma ponta à outra, enchendo-o de puro terror. Até lhe passara pela cabeça que a rapariga pudesse ser uma agente da Polícia do Pensamento, mas reconhecia que isso era muito improvável. No entanto, sempre que ela se encontrava por perto, Winston sentia esse peculiar desconforto, que continha um pouco de medo misturado com hostilidade.

A outra pessoa era um homem chamado O'Brien, que era membro do Partido Interno e ocupava um cargo tão importante nas altas esferas que Winston só tinha uma ideia muito vaga da sua natureza. Ao ver aproximar-se o fato-macaco preto, uniforme do Partido Interno, o grupo reunido à volta das cadeiras emudeceu por instantes. O'Brien era um homem grande e corpulento, com um pescoço de touro e um rosto rude, caprichoso e feroz. Apesar da sua aparência intimidante, exibia um certo charme no trato. Por exemplo, tinha um tique de ajustar os óculos na cana do nariz que era curiosamente desconcertante — e inexplicavelmente civilizado. Era um gesto que, se alguém ainda pensasse nesses termos, podia ter evocado um nobre do século XVIII a oferecer a sua caixa de rapé. Winston tinha visto O'Brien uma dúzia de vezes, talvez, numa dúzia de anos. Mas sentia por ele um grande fascínio, não só porque o intrigava o contraste entre

os modos urbanos de O'Brien e o seu físico de pugilista profissional, como sobretudo por ter a secreta convicção — talvez não chegasse a ser convicção, mas tão-só uma esperança — de que a ortodoxia política de O'Brien não era perfeita. Algo no seu rosto lho sugeria de forma inequívoca. Por outro lado, talvez o que se espelhava naquele rosto não fosse heterodoxia, mas apenas inteligência. Em todo o caso, aparentava ser alguém com quem se poderia ter uma conversa se, de alguma forma, fosse possível enganar o telecrã e apanhá-lo sozinho. Winston nunca fizera o mais pequeno esforço por confirmar o seu palpite; na verdade, não havia como. Nesse momento, O'Brien consultou o relógio de pulso, viu que eram quase onze horas e, pelos vistos, decidiu ficar no Departamento de Registos até os Dois Minutos de Ódio chegarem ao fim. Escolheu um lugar na fila de Winston, a duas cadeiras de distância. Separava-os uma mulher baixa e ruiva que trabalhava no cubículo contíguo ao de Winston. A rapariga de cabelos pretos sentara-se na fila de trás.

No momento seguinte, um discurso odioso e incomodativo, como se as engrenagens de uma máquina monstruosa rodassem sem óleo, brotou do grande telecrã ao fundo da sala. Era um ruído que fazia ranger os dentes e levantava os pelos da nuca. O Ódio tinha começado.

Como era hábito, o rosto de Emmanuel Goldstein, o Inimigo do Povo, aparecera no ecrã. Assobios irromperam da audiência. A pequena mulher ruiva deixou escapar um guincho de medo e aversão. Goldstein era o renegado e o apóstata que, muito tempo antes (ninguém se lembrava ao certo), fora uma das figuras de proa do Partido, quase paralelo ao próprio Grande Irmão. Depois, enveredara por atividades contrarrevolucionárias e fora condenado à morte, mas conseguira escapar misteriosamente e desaparecera. O programa dos Dois Minutos de Ódio variava de dia para dia, mas não havia nenhum em que Goldstein não fosse a figura principal. Ele era o arquirrival, o primeiro profanador da pureza do Partido. Todos os crimes subsequentes cometidos

contra o Partido, todas as traições, atos de sabotagem, heresias e desvios emanavam diretamente dos seus ensinamentos. Algures em parte incerta, Goldstein ainda estava vivo e continuava a urdir conspirações: talvez do outro lado do mar, sob a proteção dos seus patrões estrangeiros, ou até — corria o boato — na própria Oceânia, num esconderijo qualquer.

Winston sentiu um aperto no diafragma. Nunca conseguia olhar para o rosto de Goldstein sem uma dolorosa mistura de emoções. Era um rosto magro, de judeu, com uma grande auréola frisada de cabelos brancos e uma pequena pera — um rosto inteligente, mas de alguma forma intrinsecamente desprezível, com uma espécie de tolice senil no longo nariz afunilado em cuja ponta se equilibrava um par de óculos. Era um rosto que lembrava o de uma ovelha, e a voz também era daquelas que baliavam. Goldstein debitava o seu venenoso ataque habitual às doutrinas do Partido — um ataque tão exagerado e tão perverso que uma criança teria percebido sem dificuldade as suas intenções, mas plausível o suficiente para suscitar o receio de que outras pessoas, menos equilibradas, pudessem cair na armadilha. Goldstein insultava agora o Grande Irmão, denunciava a ditadura do Partido, exigia a conclusão imediata da paz com a Eurásia, defendia a liberdade de expressão, a liberdade de imprensa, a liberdade de reunião em grupos, a liberdade de pensamento. Gritava com histeria que a Revolução fora traída — e tudo isto num rápido discurso polissilábico que era uma paródia do estilo habitual dos oradores do Partido, e até continha palavras em novilíngua: mais palavras em novilíngua, na verdade, do que usaria na vida real qualquer orador do Partido. Durante todo esse tempo, para ninguém duvidar da realidade que a verborreia dissimulada de Goldstein encobria, marchavam no ecrã, atrás da sua cabeça, as infinitas colunas do exército eurasiático — fileira atrás de fileira de homens duros, com inexpressivos rostos asiáticos, enchiam o ecrã e voltavam a desaparecer, sendo substituídos por outros exatamente idênticos. O tropel rítmico e monótono

das botas dos soldados era o ruído de fundo da voz de ovelha de Goldstein.

Antes de o Ódio preencher os primeiros trinta segundos, metade das pessoas ali reunidas já deixava escapar exclamações de fúria. O rosto ovino e satisfeito que ocupava o ecrã, e o poder aterrador do exército eurásiano a desfilar em segundo plano, eram incomportáveis: além disso, a visão ou a simples ideia de Goldstein gerava de imediato medo e fúria. Era um objeto de ódio mais constante do que a Eurásia ou a Lestásia, até porque, quando a Oceânia entrava em guerra com uma dessas potências, costumava estar em paz com a outra. Mas o mais estranho era que, embora Goldstein fosse odiado e desprezado por toda a gente, todos os dias, e um milhar de vezes por dia, nas plataformas, nos telecrãs, nos jornais, nos livros, e as suas teorias fossem refutadas, esmagadas, ridicularizadas e expostas aos olhares de todos como as lamentáveis imbecilidades que eram — apesar de tudo isto, a influência de Goldstein não parecia atenuar-se. Havia sempre novos pacóvios à espera de serem seduzidos por ele. E não passava um dia sem que a Polícia do Pensamento não desmascarasse espões e sabotadores a agir sob as suas instruções. Ele era o comandante de um vasto exército clandestino, uma rede de conspiradores subterrânea empenhada em derrubar o Estado. Dizia-se que o nome desta rede era Irmandade. E também se ouviam histórias sussurradas a respeito de um livro terrível, um compêndio de todas as heresias, da autoria de Goldstein, que circulava em segredo. Era um livro sem título. As pessoas referiam-se-lhe, quando se referiam, como *O Livro*. Mas só se sabia destas coisas por vagos rumores. Nem a Irmandade nem *O Livro* eram assunto que um membro comum do Partido mencionasse, se pudesse evitá-lo.

No seu segundo minuto, o Ódio virou delírio. As pessoas pulavam das suas cadeiras e gritavam a plenos pulmões, na tentativa de abafar o balido enlouquecedor que vinha do telecrã. As faces da mulherzinha ruiva estavam muito brilhantes e rosadas,

e a sua boca abria-se e fechava-se como a de um peixe em terra seca. Até o rosto pesado de O'Brien se tingira de vermelho. Estava sentado, muito direito, na sua cadeira, e o peito poderoso expandia-se e fremia, como se ele se preparasse para resistir ao assalto de uma onda. A rapariga de cabelos pretos atrás de Winston gritava: «Porco! Porco! Porco!» De repente, pegou num pesado dicionário de novilíngua e arremessou-o contra o ecrã. O dicionário atingiu o nariz de Goldstein e foi projetado para trás. A voz prosseguiu, inexorável. Num momento de lucidez, Winston deu-se conta de que estava a gritar com os outros e a bater com os calcanhares com violência na travessa da cadeira. O mais horrível nesses Dois Minutos de Ódio não era que alguém fosse obrigado a desempenhar um papel, mas, pelo contrário, que não se conseguisse evitar fazer o mesmo que os outros. Ao fim de trinta segundos, todo o fingimento era desnecessário. Um êxtase hediondo feito de medo e rancor, um desejo de matar, torturar, esmagar rostos com um martelo, pareciam correr pela audiência qual corrente elétrica e transformar cada um, mesmo contra a sua própria vontade, num louco varrido que gritava e fazia caretas. No entanto, a fúria era uma emoção abstrata e sem foco, que podia ser transferida de um objeto para o outro, como a chama de um maçarico. Por isso, a certa altura, o ódio de Winston não se dirigia de todo contra Goldstein, mas sim contra o Grande Irmão, o Partido e a Polícia do Pensamento; e, nesses momentos, o seu coração abraçava o solitário herege ridicularizado no ecrã, único guardião da verdade e da sanidade num mundo de mentiras. No instante seguinte, porém, voltava a sentir-se um membro do grupo que o rodeava e tudo o que se dizia acerca de Goldstein parecia-lhe verdade. A sua secreta aversão pelo Grande Irmão convertia-se, então, em adoração e era como se ele se agigantasse, protetor invicto e intrépido, qual rochedo erguido contra as hordas da Ásia. E Goldstein, apesar do seu isolamento, da sua impotência e da dúvida que envolvia a sua própria existência, parecia um sinistro encantador, capaz

de dismantelar, com o simples poder da sua voz, a estrutura da civilização.

Chegava a ser possível, em certos momentos, transferir deliberadamente o ódio nesta ou naquela direção. De súbito, com o mesmo ímpeto violento com que, no meio de um pesadelo, se arranca a cabeça da almofada, Winston conseguiu transferir o seu ódio ao rosto no ecrã para a rapariga de cabelos pretos atrás dele. Vívidas e belas alucinações cruzaram-lhe de imediato o pensamento. Açoitá-la até à morte com um bastão de borracha; amarrá-la, nua, a um poste e crivá-la de setas, como acontecera a São Sebastião; tomá-la pela força e, no momento do clímax, cortar-lhe a garganta. Percebia agora, melhor do que antes, *por que razão* afinal a odiava. Odiava-a porque ela era jovem, bonita e assexuada, odiava-a porque queria ir para a cama com ela e nunca o faria, odiava-a porque à volta da sua doce e macia cintura, que parecia suplicar-lhe que a rodeasse com o braço, só havia a odiosa faixa vermelha, o símbolo agressivo da castidade.

O Ódio aproximou-se do seu auge. A voz de Goldstein transformara-se num verdadeiro balido de ovelha e, por instantes, o seu próprio rosto transformou-se no de uma ovelha. Depois, a ovelha diluiu-se na figura de um soldado eurasiiano que avançava, gigante e terrível, ao som da sua metralhadora, como se quisesse saltar do ecrã, de tal maneira que algumas pessoas na fila da frente se colaram às costas das cadeiras. Nesse preciso momento, contudo, arrancando um suspiro de alívio geral, a figura hostil desfez-se e deu lugar ao rosto do Grande Irmão, de cabelo e bigode pretos, pleno de poder e de uma calma misteriosa, e tão vasto que quase enchia o ecrã. Ninguém ouviu o que dizia o Grande Irmão. Eram apenas algumas palavras de encorajamento, palavras que são ditas no calor da batalha e que não se distinguem umas das outras, embora restabeleçam a confiança pelo simples facto de serem enunciadas. Depois, o rosto do Grande Irmão desapareceu e, no seu lugar, os três lemas do Partido inscreveram-se em maiúsculas:

GUERRA É PAZ
LIBERDADE É ESCRAVATURA
IGNORÂNCIA É FORÇA

Mas o rosto do Grande Irmão manteve-se vários segundos no ecrã, como se a impressão que fizera nas retinas fosse demasiado vívida para se dissipar por completo. A pequena mulher ruiva lançara-se, entretanto, sobre as costas da cadeira da frente. Com um murmúrio trémulo que parecia dizer «meu Salvador!», estendia os braços para o ecrã. A certa altura, enterrou a cara nas mãos, e era evidente que estava a rezar.

A audiência rebentou então num cântico profundo, lento e cadenciado, que repetia «G-I!... G-I!... G-I!...» — incessantemente, muito devagar, com uma longa pausa entre uma letra e outra. Um som pesado e murmurante, curiosamente selvagem, no fundo do qual se ouvia o tropel de pés descalços e o pulsar dos tambores. Durante cerca de trinta segundos, o canto susteve-se. Era um refrão ouvido muitas vezes em momentos de grande emoção. Em parte, tratava-se de uma espécie de hino à sabedoria e majestade do Grande Irmão, mas, mais do que isso, era um ato de auto-hipnose, um adormecimento deliberado da consciência por meio de um ruído cadenciado. Winston sentiu um frio visceral. Durante os Dois Minutos de Ódio, não conseguira deixar de partilhar o delírio geral, mas aquele cântico sub-humano de «G-I!... G-I!» horrorizava-o sempre. Claro que ele cantava com os outros, era impossível não o fazer. Disfarçar os sentimentos, controlar a expressão do rosto, fazer o que os outros faziam era uma reação instintiva. Contudo, havia um espaço de dois segundos em que a expressão dos seus olhos podia traí-lo. E foi precisamente nesse momento que se deu o incidente — se é que, de facto, o incidente teve lugar.

Por um breve instante, o seu olhar cruzou-se com o de O'Brien. O'Brien pusera-se de pé. Tirara os óculos e, com o seu gesto característico, estava a repô-los na cana do nariz. Mas houve uma fração

de segundo em que os olhares de um e de outro se cruzaram e, enquanto esse instante durou, Winston soube — sim, *soube!* — que O'Brien estava a pensar o mesmo que ele. Uma mensagem inequívoca passara entre os dois. Era como se as duas mentes se tivessem aberto, e os pensamentos se transmitissem através dos olhos. *Estou contigo*, parecia dizer-lhe O'Brien. *Sei precisamente o que estás a sentir. Sei tudo a respeito do teu desprezo, do teu ódio, da tua repugnância. Mas não te preocupes: estou do teu lado!* Depois, esse rasgo de entendimento extinguiu-se, e o rosto de O'Brien tornou-se tão imperscrutável como o dos demais.

Não fora mais do que isto, e Winston já nem sabia com toda a certeza se aquilo, de facto, acontecera. Estes incidentes nunca tinham uma sequência. O seu único mérito era o de manter viva dentro dele a crença, ou esperança, de que houvesse outros como ele, também inimigos do Partido. Talvez os rumores de vastas conspirações fossem verdade. Talvez a Irmandade existisse! Era impossível, apesar das infinitas apreensões, confissões e execuções, ter a certeza de que a Irmandade não era um simples mito. Em certos dias, acreditava nela, noutros não. Não havia provas, apenas vislumbres fugazes que podiam significar alguma coisa, ou nada: fragmentos de conversas ouvidas por acaso, rabiscos ténues em paredes de lavabos — uma vez assistira ao encontro de dois desconhecidos e reparara num pequeno gesto da mão que parecia um sinal de reconhecimento. Mas não passavam de especulações. O mais provável era ter imaginado tudo. Winston regressara ao seu cubículo sem voltar a olhar para O'Brien. A ideia de renovar esse contacto momentâneo nem lhe passara pela cabeça. O risco envolvido seria inconcebível, mesmo se soubesse como fazê-lo. Durante um ou dois segundos, tinham trocado esse olhar inequívoco, e a história acabava aí. Por si só, já era um acontecimento memorável, na clausura solitária em que cada um tinha de viver.

Winston ergueu-se e endireitou as costas. Deixou escapar um arroteio. O gim revirava-lhe o estômago.

Os seus olhos voltaram a focar-se na página. Descobriu que, enquanto ali estivera a matutar, nunca parara de escrever, como se o fizesse de forma mecânica. Já não era a mesma letra tímida e desajeitada das primeiras páginas. A caneta deslizara com volúpia sobre o papel macio e registara em maiúsculas grandes e nítidas:

ABAIXO O GRANDE IRMÃO
 ABAIXO O GRANDE IRMÃO
 ABAIXO O GRANDE IRMÃO
 ABAIXO O GRANDE IRMÃO
 ABAIXO O GRANDE IRMÃO
 ABAIXO O GRANDE IRMÃO

uma e outra vez, cobrindo metade da página.

Não conseguiu evitar o pânico. Era absurdo, uma vez que a escrita dessas palavras não representava um perigo maior do que o ato inicial de abrir o diário; mas, por um breve instante, sentiu-se tentado a rasgar as páginas desperdiçadas e a abandonar aquela empresa de uma vez por todas.

Não o fez, porém, porque sabia que era inútil. Escrever ABAIXO O GRANDE IRMÃO, ou coibir-se de o escrever, não fazia diferença. Dar continuidade ao diário ou interrompê-lo não fazia diferença. A Polícia do Pensamento apanhá-lo-ia na mesma. Ele cometera — teria sempre cometido, ainda que não tivesse chegado a encostar a caneta ao papel — o crime fundamental que encerrava em si todos os outros: chamavam-lhe *pensamentocrime*. O pensamentocrime não era daqueles que se podiam esconder para sempre. Talvez conseguisse esquivar-se durante algum tempo, anos até, mas, mais cedo ou mais tarde, eles acabariam por apanhá-lo.

Era sempre de noite. As detenções aconteciam sempre de noite. O súbito abanão que interrompia o sono, a mão rude a sacudir o ombro, as luzes a encadear os olhos, o cerco de rostos

funestos à volta da cama. Na grande maioria dos casos, não havia um julgamento ou relato da detenção. As pessoas simplesmente desapareciam, e desapareciam sempre durante a noite. Os seus nomes eram removidos dos registos, tudo o que tinham feito até ali era apagado do sistema, a sua existência era negada e, depois, esquecida. Eram abolidas, reduzidas a nada: *vaporizadas* era a palavra usada para descrever o processo.

Winston foi tomado por uma espécie de histeria. Começou a escrever em gatafunhos corridos e toscos:

eles vão dar-me um tiro eu não quero saber eles vão
dar-me um tiro na nuca eu não quero saber abaixo o
grande irmão eles dão sempre um tiro na nuca eu não
quero saber abaixo o grande irmão...

Recostou-se na cadeira, ligeiramente envergonhado, e pôs a caneta. Logo a seguir, apanhou um susto. Alguém lhe batia à porta.

Tão rápido! Ficou quieto como um rato, na esperança vã de que o intruso desistisse após uma só tentativa. Mas não, bateram outra vez. O pior que podia fazer era adiar. O coração batia-lhe no peito como um tambor, mas o rosto, da longa prática, estaria provavelmente inexpressivo. Levantou-se e arrastou-se até à porta.

«Para guardar um segredo, teria de
o esconder também de si próprio.»

Na Grã-Bretanha, província do estado de Oceânia, Winston Smith trabalha no sinistro Ministério da Verdade, dedicado a reescrever a história de um mundo em guerra permanente, onde a realidade é reconfigurada segundo a direção do Partido. Sob a vigilância onnipresente do Grande Irmão, Winston alimenta o sonho de uma rebelião, fantasia que partilha com Julia, sua amante e aliada. Depressa irá descobrir que a intimidade não protege a verdade.

Escrito em 1948 por George Orwell, esta impressionante distopia futurista adquiriu contornos proféticos com a instauração de regimes totalitários por todo o mundo. É, ainda hoje, e justificadamente, considerado o romance mais influente do século XX.

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Tradução de Catarina Ferreira de Almeida
Introdução de Raquel Vaz-Pinto



Lonely Metropolitan
(1932)

© Herbert Bayer /
VG Bild-Kunst, Bonn /
SPA, Lisboa, 2024



penguinlivros.pt



penguinlivros



Penguin
Random House
Grupo Editorial

ISBN 9789897875465



9 789897 875465 >